

A FUGA DA PERSONAGEM

“Ars est celare artem”: “É arte esconder a arte”

(Mello)

“O romance e o teatro são formas que permitem um compromisso entre o espírito crítico e o poético”

(Octavio Paz)

Acompanho, com grande interesse, a magistral obra literária do escritor Miguel Jorge – dramaturgo, poeta, ficcionista, ensaísta e cronista, quem nos oferece agora o livro de contos *A fuga da personagem* (Goiânia: Editora UFG, 2016 [13 contos, 260 p.]).

Nele presenciamos, como já disse anteriormente a respeito do romance *Minha querida Beirute* (que ocupou lugar privilegiado dentre os seus últimos lançamentos), o desenvolver de uma trilha já palmilhada pelo escritor, mas, agora, ampliada e intensificada neste livro de contos recém lançado.

Miguel Jorge revela-se, como sempre, um escritor contemporâneo, afeito ao enfoque existencial de suas personagens, apreendendo-lhes não só o agir, mas o pensar e o sentir.

Mestre na arte do dizer “não-dizendo”, carrega no papel sutil e promissor das entrelinhas, sugerindo novos ângulos, novo alcance no desenho do perfil de

suas personagens. É o que sugere a capa do livro – de autoria do conhecido artista plástico DEK, reproduzindo uma cadeira vazia, num agitado fundo de cores, a busca, ou à espera, de uma presença sugerida, mas não identificada. Na profusão das cores, o agito pelas sensações desejadas. Como afirmamos, o autor (o criador) “diz, sem dizer”, envolvendo seu desejo e o de suas divas imaginadas. Dois em um... autor um e autor dois; isto é, unidade criativa, mas em pluralidades de sensações. Ele e Ela, dois em um, criador e sensações, desejos... É o que vamos presenciar neste belo e significativo conto “Confrontos”, reiterando o que foi dito sobre o conto que leva o nome do livro: “A Fuga da personagem”. Só que em “Confronto” a técnica narrativa se desdobra, através de um pouco usual recurso expositivo: Um diálogo entre um juiz e o escritor. No interrogatório, há um juiz que é desdobrado em critérios vários pelo escritor (o entrevistado) ao expor sua filosofia de vida, através de traços marcantes e diferentes das personagens em foco, sempre em busca de um código da vida. Conforme Ronaldo Caggiano, na orelha do livro, “temos aqui a mitologia do erotismo ao referenciar, nas diversas relações de suas personagens, a busca aguda do prazer como instância de uma libido jacente e ancestral na própria história do mundo.” Ainda: “Em seu panorama ficcional, o autor transcende o erotismo como mero recurso literário ou pano de fundo para deslindar outros questionamentos. Na construção dessas narrativas, finamente elaboradas, o sexo e suas pulsões são abordados com sutileza estilística e fluxo poético e, na peculiar, aflora o império dos sentimentos”.

Indo além do prefácio, elaborado por Ricardo Viveiro, em que se trata da natureza do conto, peço licença ao leitor para expor um pouquinho da teoria do conto moderno exposta no meu livro Contos (des)armados, editado pelas editoras PUC-Goiás e Kelps em 2012. E, também, no meu livro Novos ensaios: Vozes em interação, das mesmas editoras, 2009. Neste (p. 29-34), analisamos o processo estrutural do conto moderno. Vejamos:

Sempre no intuito de caracterizar as modalidades da narrativa curta, lembramos que, em relação ao conto, estudos modernos consolidam, como prioritário, o reconhecimento de uma estrutura narrativa que já se define: narrativa intuída, armada em óptica subjetiva, com unidade nuclear do ponto de vista e poder seletivo de síntese expositiva. Exigindo, pois, concisão e domínio criativo

dos recursos da linguagem. Desde Cortázar, fica claro que, nele, o escritor deve buscar e deve nocautear o leitor, pelo uso adequado da tensão que se deve manifestar desde as primeiras palavras, ou desde as primeiras cenas. Como nos lembra Ítalo Moriconi, em seu interessante ensaio intitulado “O que você conta de novo, geração 90?”, publicado no *Jornal do Brasil*, 25 agosto de 2001, onde declara “no conto é preciso deixar o leitor chapado da primeira à última linha”.

E no texto que traz o mesmo nome da obra, “A Fuga da Personagem”, onde surgiu uma instigante curiosidade nos estimulou. Como se dará, perguntamos, a operação do desacoplamento do ficcionista, em relação ao crítico, ao leitor ou, rompendo prognósticos apressados, ambos agiriam no texto, conjuminando esforços no processo da criação? Pensando nisto, achei que, para comentário meu a respeito, um bom título poderia ser: “Lances do Criador”, ou seja: escritor-autor 1 (criador); objeto criado (autor 2). Aqui, sua personagem seria o vulto que projeta o lance de driblar, ou melhor, de revelar a visão que o escritor tem da vida, e da sua projeção no ser humano. Poderia compreender outro título, ou seja: “Arte de expor, estetica e simuladamente, o processo literário de criar” (Deixo a opção de escolha para o leitor). Para bem entendermos a sutileza deste texto contístico, exponho o seu final, na resposta do criador para o juiz, deixando clara a sua técnica de compor. Eis ela: Todo o conto, através do diálogo juiz-escritor, desdobra-se em um projeto existencial. Sobre isto, vejamos como, na leitura moderna, por exemplo, agora com Leodegário A. de Azevedo Filho no seu conhecido conto “Sumarina”, a leitura crítica tende a detectar, no correr da leitura, não só o momento da consciência histórica sobre o fato narrado, mas os questionamentos contidos no embate diálogo X silêncio representados pelos itens sobre a própria Linguagem do silêncio, ou sobre o confronto entre a linguagem das perguntas e a sintaxe das respostas. Afinal, o homem seria um ser pensante? Não, cremos que seria um ser pensando.

Dúvidas que, também, nos levam a deduzir que a ficção alimentadora dessa nossa leitura sobre os contos de Miguel constitui narrativa que se assenta no existencial, e que, para isto, se valeu de uma magistral técnica narrativa. Para esta conclusão retornemos ao conto que dá nome ao livro “A fuga da Personagem”. Impressiona o leitor a convicção com que o autor apresenta sua per-

sonagem – Maria Paula. Primeiro afirma, para depois negar, a sua verdadeira personalidade. Vejamos:

O nome dela é Maria Paula, minha personagem. Eu a criei. Dei-lhe nome, face, personalidade, corpo. Esse foi o meu erro. Imprimi forte personalidade nela e ela se rebelou contra mim. Diz ser reencarnação de Lillith, a primeira mulher de Adão que criou a legião de anjos negros. Em vão tentei fazê-la retornar às páginas do meu livro e lá permanecer. Mas qual! Maria Paula criou asas, desafiou-me a tocá-la, a forçá-la a ser simplesmente, personagem, figura de emaranhados sentimentos. Sorriu ao dizer que poliu seu visual, que tinha a cabeça voltada para o mundo lá fora, que era distraidamente feliz, que até tomava cachaça com amigos no boteco da esquina. Fiquei perplexo. Não podia desarrumar aquela arrumação, enriquecida pela beleza exótica de Maria Paula. Doía-me o coração, a alma perturbada descia ao inferno à sua procura, a perder-me nos labirintos da cidade.

Bem claro, portanto, o relacionamento: obra-personagem, como produtos essenciais do criador (autor); “seres unidos, como pontos essenciais da obra, reveladores de sua visão existencial”. Tanto que, continuando a discorrer sobre a força misteriosa que impulsiona nossa vida, que nos obriga a caminhar, ainda que não se saiba para onde, conclui o autor, num fecho mágico e em aberto: “Ela, a criação, movimenta a minha mão, quando escrevo, porque somente ela é a vontade de todos nós”.

Admiremos, pois, a conclusão, pelo autor, que se mostra, inteiro, no ato da criação, nos referidos contos examinados, peças centrais da temática do livro, ou seja: “A fuga da personagem” e “Confrontos”. Terminemos nossa exposição transcrevendo a opinião esclarecedora do autor. Eis a sua fala:

Meus personagens surgem da luz, não das sombras que envolvem as noites. Dou-lhes forma, personalidade, vida. Frutos de mim mesmo. (...) É ela, (Maria Paula) quem permanece o tempo todo no espaço que lhe dei, com a postura de nobreza, a se mostrar inteligente, ativa fugaz, mas nunca rebelde. Da repartição de vários

nomes, vários lugares. (...) a personagem Maria Paula (...) temporariamente, quando de sua rebeldia, passou a atender pelo nome de Miriam, quando alterou o seu comportamento; até que envolve em paixão por si mesma, se libertou, indo em busca de prazeres. (...) Ao assumir outro nome, ela, Maria Paula, se perguntava pelas razões da vida, pois há tanto tempo não sabia o que era viver, e que sua personalidade privilegiava o amor em vez do erotismo puro e simples.

Ao fim da proposta, termina:

Os personagens são filigranas de nossa alma, crescem em espírito, matéria, sentimentos humanos, às duras penas impostas pela realidade da vida. Podem adotar novas máscaras. Mesmo que em sonhos, me faço neles, me guardo, talvez como se fosse eles. Para isso, se espera um mundo de horas, a eternidade passada em segundos. Os gestos humildes, obscenos, brutais, são jogos duros da terra que criei com seus tortuosos caminhos.

Outro conto que dialoga, agora, com a natureza rebelde da ficção criada, “Confrontos”, é boa amostra das possibilidades de reação, marcas do autor, “projetando laivos de sua natureza independente quanto ao papel de revoltosa de uma personagem, frente aos desígnios que lhe foram sugeridos pelo autor, ou seja, a liberdade de reagir. Assim, vejamos a ousadia de Miriam ou Ana Paula, em relação ao determinismo presente na linha de seu destino, lembrando ao seu criador que era livre, nas suas reações, quanto às tentações criadas através das atitudes de um pretense conquistador. Assim, chama atenção a fala da citada personagem, no diálogo com seu criador, representado pelo juiz que o interroga:

- Está consciente das verdades que vai me relatar?
- Estou, sim senhor.
- Qual seria sua recompensa, senhor escritor, ao direcionar-me os fatos, fazer fusão das duas personagens, sem acrescentar uma palavra a mais para uma, ou para outra?
- Apaziguar minha consciência, senhor juiz. Dei vida e perso-

nalidade a esta criatura, Maria Paula, que jamais compreendeu a minha posição de Deus, o seu criador, se rebelou contra mim, de modo cruel e insensato.

– Então o senhor afirma que Maria Paula ou Míriam foram criadas por seu desejo e vontade?

– Sim, Maria Paula é o condão de fada que move o provável movimento dos meus personagens. É ela quem permanece o tempo todo no espaço que lhe dei, com a postura de nobreza, a se mostrar inteligente, ativa, fugaz, mas nunca rebelde. Até que, envolta em paixão por si mesma, se libertou, indo em busca de prazeres. Imagina o senhor juiz que se fosse pequena mudança, vá lá, mas Maria Paula trocou a cor dos cabelos, os olhos que eram de magnitude clareza, passaram a negros. Trocou de nome, passou a se chamar Miriam, e se acreditava outra pessoa. (...) Ela, Maria Paula, se perguntava pelas razões da vida, pois há tanto tempo não sabia o que era viver, e que sua personalidade privilegiava o amor em vez do erotismo puro e simples.

– Enfim, senhor Juiz: Um corpo moldado a palavras desfaz-se em letras. (...) Termine as minhas palavras, senhor juiz com a máxima que diz: O amor é o desejo do que não se tem.

Profa. Dra. Moema de Castro e Silva Olival

Escritora, ensaísta, poeta. Membro da Academia Goiana de Letras (AGL), do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás (IHGG), da Academia Brasileira de Filologia (ABFRJ), da União Brasileira de Escritores (Goiás).

Goiânia, 2 de abril de 2017

A FUGA DA PERSONAGEM

(*) Ely Vieitez Lisboa

Em mãos o livro de contos *A Fuga da Personagem*, de Miguel Jorge, Editora UFG, Goiânia, 2016. São treze contos, uma bela edição ilustrada, com inúmeras epígrafes ricas e muito pertinentes, que realçam a forte sensualidade em todo o livro.

As orelhas trazem um texto de Ronaldo Cagiano, que pode resumir bem os excelentes contos de Miguel Jorge: “A busca pela satisfação está na raiz da verdadeira luta do homem contra a morte e em cada uma dessas histórias é nítido o esforço de superar as próprias limitações colocando o indivíduo na espera do hedonismo, como única instância capaz de mitigar a sua sensação de abandono, solidão e finitude. Aqui, cada personagem circula na perseguição frenética de seu paraíso individual, seja nas ralações mais naturais, seja pelo apelo intrépido dos vícios ou desvios sexuais, os fetiches ou fantasias de todo tipo, da sensualidade exacerbada ou paixões incendiárias, do assédio ao incesto, da luxúria e do voyeurismo às inclinações sadomasoquistas”.

Os contos são muito fortes, como se liberassem o inconsciente das personagens, com uma coragem inusitada, exorcizando fantasmas e tabus que a sociedade contemporânea ainda não conseguiu enfrentar, um desnudamento cora-

joso, raríssimo na literatura, como pouquíssimos autores tentaram enfrentar. Assim, já no primeiro conto “Fala que sou bonzinho, fala?”, o leitor defronta-se com um caso de incesto e um assassinato.

Vão surgindo as tramas muito fortes e densas, algumas monstruosas, todas enriquecidas pela linguagem perfeita do autor, verdadeiro estilista, que não faz concessões ao leitor, com nenhum conto mais leve. Ora é uma viagem alucinante na cabeça de um louco, ou quando Miguel Jorge pinta com as palavras, como nos contos “Que manhã esta mágoa” e em *Bridão*; ele navega também no Realismo Fantástico, com uma grande liberdade de gêneros literário: prosa, verso, prosa poética.

Digno de menção especial é o conto *Chegante*. O neologismo parece um aviso prévio ao leitor, que vai se deparar com algo totalmente inusitado: prosa poética, linguagem popular, figuras de linguagem. O que é notável também, nesse conto é a conturbada realidade vista ou contada por vários narradores, com a possível chegada DELE. Homem? Deus? Demônio? Homedeus? Outro neologismo instigante. Enfatize-se, mais de uma vez, a figura da personificação. O final totalmente aberto acentua o mistério.

Miguel Jorge, escritor, poeta, teatrólogo, romancista, professor, cineasta, com uma vasta obra literária, premiadíssimo, é um desses gênios de uma versatilidade única. O livro *A Fuga da Personagem* é a prova cabal dessa assertiva.

(*) Ely Vieitez Lisboa é escritora.

(*) E-mail: elyvieitez@uol.com.br